

SOS Educação

A13

Nestes últimos dias, curti minha insônia de estimacão com especulações que, em vez de atrair o sono, o afastaram e ficaram remoendo soluções e caminhos.

Implantou-se na minha madrugada uma pergunta que é de todos: onde nos desviamos do caminho que vínhamos trilhando no século 20 com tanto brilhantismo e que trunou-se numa avalanche daquilo que os franceses chamam de excesso de crises?

De repente me veio a revelação que já deve ter acometido milhões de brasileiros, ao longo das últimas gerações: o nosso grande fracasso foi a educação. Nunca fomos capazes de construir um modelo educacional para o Brasil, num planejamento a ser seguido por administrações sucessivas. Tivemos bons e maus ministros, mas cada um deles uma ilha isolada com ganhos transitórios ou fracassos retardadores.

O exemplo do Japão é repetido, louvado e didático. A famosa decisão



JOSÉ SARNEY

PRESIDENTE DO SENADO

do Imperador Meiji de obrigar a todos a estudar deu no futuro a posição de liderança de que o país desfruta no mundo moderno. Não se trata apenas do saber ler e escrever – e contar – da educação básica, mas daquilo que Jacques Delors dizia combinar a escola clássica com contribuições exteriores à escola, facultar à criança o acesso às três dimensões da educação: “ética e cultural, científica e tecnológica, econômica e social”.

Todos no Brasil falam na prioridade à educação, mas nenhum setor mais abandonado, mais sucateado, mais desprezado, do que o educacional. Não estou falando de nenhum governo, estou tratando

dessa deformidade do caráter nacional de não encontrar a saída do desenvolvimento por um grande projeto nacional. As diversas mudanças de metodologia, já podemos avaliar com o tempo, foram todas fracassadas e nenhuma encontrou o caminho certo.

As nossas prioridades passaram a ser todas econômicas. Estamos grudados na taxa de juros e no preço do dólar, mas ninguém se comove com o número de repetições ou com o despreparo na formação de professores.

E não se satanize somente a falta de recursos. A Argentina tem uma expectativa de vida escolar de 13,5 anos, próxima da dos Estados Unidos, 16,3 anos (Brasil não tem estes dados).

Mas no nosso orçamento de 1,58 trilhões pesam 11% para juros, isto é, para nada, para pagar os especuladores da nossa última crise cambial, contra 1% para educação.

A educação tem um papel nas sociedades modernas que não tinha no passado. O Relatório da Unesco

sobre Educação para o Século 21 enfatiza bem esse conceito. Ninguém pode pensar que a nossa vida educacional se esgota aos 14 anos. Temos de ter presente que a velocidade do conhecimento no mundo moderno exige uma “educação para a vida toda, uma permanente busca de saberes”.

Resultou da minha insônia um grito desesperado: vamos fazer um programa educacional de longo prazo, 50 anos, um século! Só assim venceremos a escravidão tecnológica e cultural que nos espera. Agora temos uma vantagem: as novas tecnologias a serviço da educação.

Abandonemos o conceito de educação de Simões Filho, que, quando demitido da pasta da Educação e solicitado a falar mal do Getúlio, retrucou: “Perdi o Ministério, mas não perdi a educação.”

Educação no Brasil ainda é tratada como boas maneiras.

O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras

Sarney, José